

CADERNO 2

Yoko Ono expõe em SP



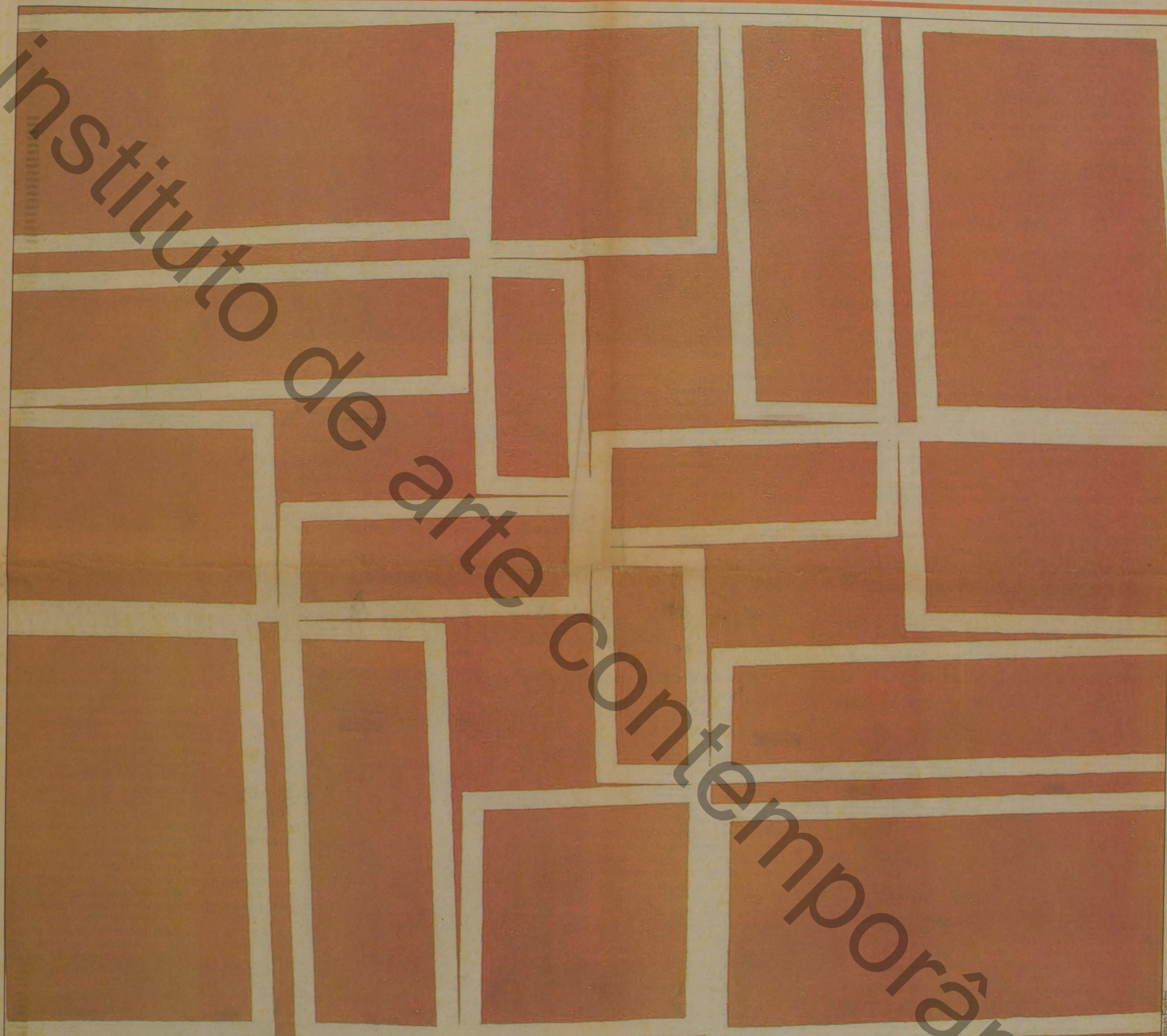
A cantora e artista plástica terá duas instalações ainda este mês no museu da Faap. Pág. 3



'Titanic' em vídeo nos EUA

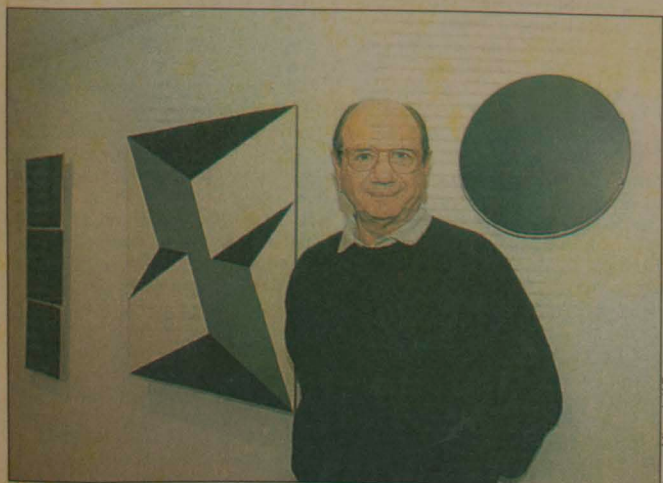
Locadoras americanas já estão com 20 milhões de cópias da fita nas prateleiras. Pág. 2

ANO IX NÚMERO 4.303 □ TERÇA-FEIRA, 1 DE SETEMBRO DE 1998



'Vermelho Cortando o Branco', um dos raros óleos sobre tela de Hélio Oiticica, pintado em 1958: a obra é um destaque garantido na exposição que será inaugurada em 1.º de outubro no MAM

O MELHOR DA ARTE CONCRETA DO BRASIL

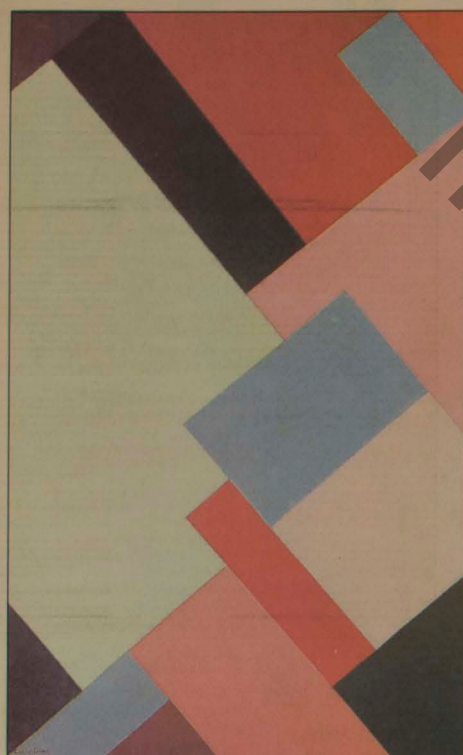


O colecionador Leirner: resgate do abstracionismo geométrico

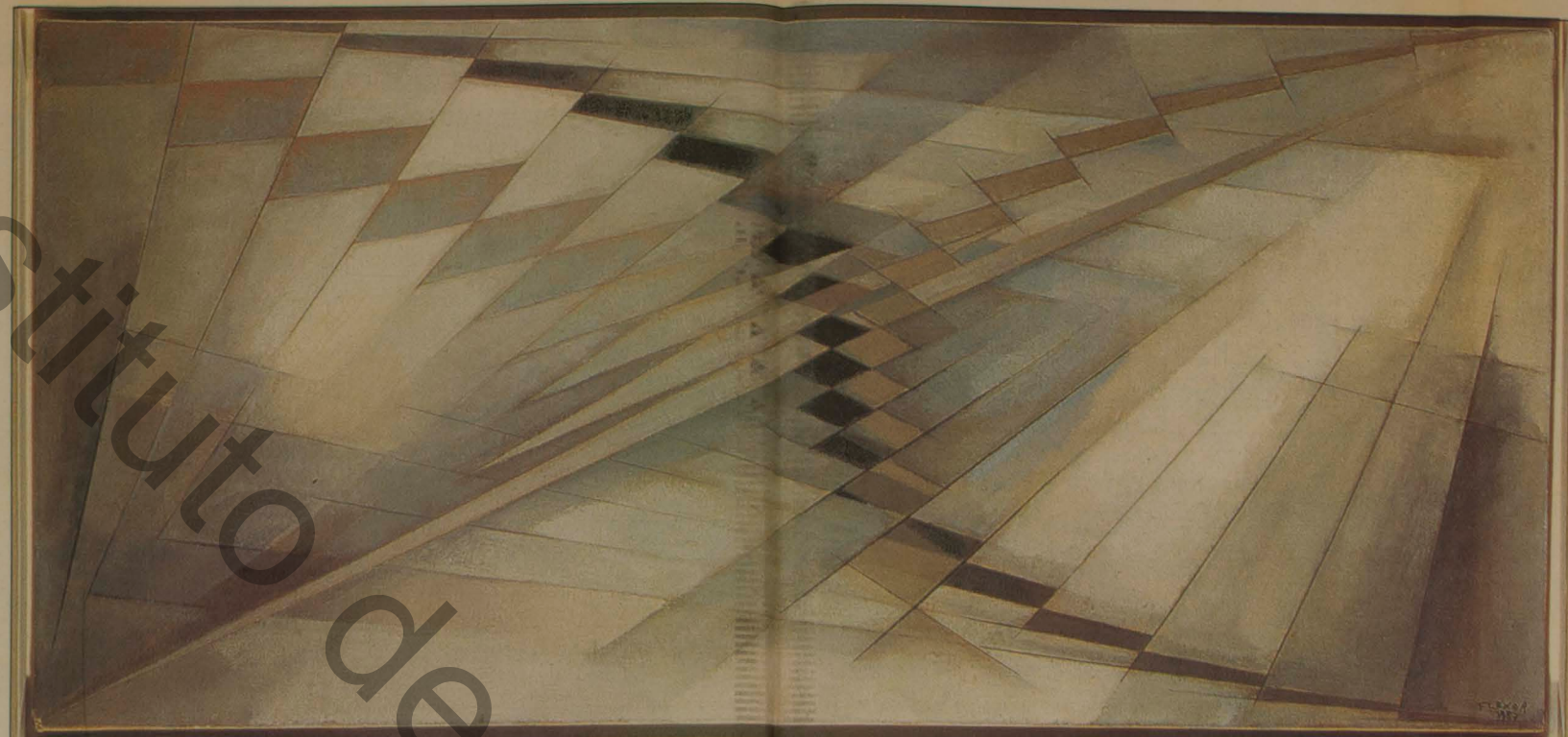
Durante muito tempo, o colecionador Adolpho Leirner recebeu em sua casa dezenas de críticos, curadores e colecionadores internacionais que visitavam a cidade durante as bienais de São Paulo e desejavam conhecer melhor a arte construtiva. Em outubro, durante a 24.ª edição do mais importante evento das artes plásticas da América Latina, quem quiser aprofundar seus conhecimentos sobre a história da arte brasileira recente só terá de andar alguns passos dentro do próprio Parque do Ibirapuera para encontrar o mais importante acervo de arte concretista do País em exposição no Museu de Arte Moderna.

Depois de ter decidido interromper a coleção que iniciou há 37 anos, Leirner dedicou-se nos últimos tempos a resgatar a produção abstracionista geométrica em duas frentes de ação. Além de promover a primeira exposição completa de seu acervo — que depois de São Paulo segue para o Rio, Salvador e Recife —, ele está editando pela editora DBA o livro 'Arte Construtiva no Brasil', coordenado pela historiadora de arte Aracy Amaral. A obra traça um amplo panorama da arte abstrata no País e reúne textos de importantes críticos como Maria Alice Milliet, Ana Maria Belluzzo, Ferreira Gullar e Paulo Sérgio Duarte.

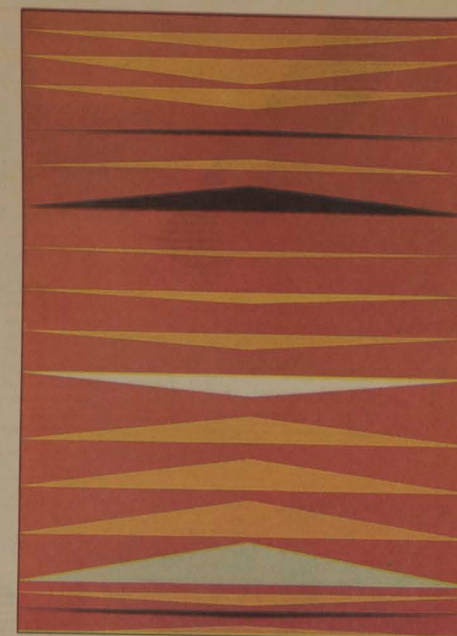
Páginas 6 e 7



Óleo sem título, pintado por Cícero Dias em 1955; pioneirismo



'Abstrato', a tela pintada por Samson Flexor em 1957 mostra como o artista romeno que fundou o ateliê Abstração usava as cores para insinuar volume e profundidade, dando ritmo à pintura: um dos destaques da coleção de Adolpho Leirner



'Faixas Ritmadas', de Ivan Serpa (1953); na liderança do grupo carioca Frente

Livro e exposição homenageiam o construtivismo

Será lançada no dia 10 a publicação em que críticos e historiadores de arte fazem análise das experiências nacionais no campo da abstração geométrica, a partir do acervo de Adolpho Leirner que será exposto no MAM

MARIA HIRSZMAN

Nas próximas semanas, o construtivismo — um dos períodos mais importantes e polêmicos da arte brasileira — estará recebendo uma dupla homenagem. O livro *Arte Construtiva no Brasil — Coleção Adolpho Leirner* (DBA Melhoramentos, 364 págs.), no qual críticos e historiadores de arte realizam uma cuidadosa análise das experiências nacionais no campo da abstração geométrica a partir do acervo de Leirner, será lançado no dia 10. E o Museu de Arte Moderna (MAM) de São Paulo inaugura em 1.º de outubro uma exposição com 120 obras selecionadas em meio a esse conjunto de trabalhos que traça um panorama único da produção artística do País em meados deste século.

Durante décadas, Adolpho Leirner dedicou-se a procurar e coletar o melhor da arte concreta e neoconcreta brasileira. Tudo começou em 1962, quando o então jovem engenheiro adquiriu a tela *Em Vermelho*, de Milton Dacosta.

Trinta e seis anos depois, o colecionador resolveu considerar sua tarefa encerrada e decidiu organizar o livro e a exposição como uma espécie de grande finale.

Como todo colecionador, esse filho de judeus poloneses é obsessivo e parece ter conseguido conciliar o desejo por ordem e o amor pela arte, que

partilha com vários membros de sua família.

Sacrifício — "Minha coleção não foi feita em dois anos, e sim construída com muito sacrifício, quadro por quadro", afirma Leirner. Ele faz questão de deixar claro que não tem nenhuma relação com excentricidades exibicionistas como a do milionário argentino Eduardo Costantini (cujas peças-chaves foram expostas recentemente no MAM).

O fato de ter decidido interromper a busca por tesouros da arte geométrica brasileira não quer dizer que Leirner considere que seu acervo está completo. Ele tem consciência de que lacunas existem e sempre existirão, principalmente neste caso. Além de tratar-se de um período relativamente curto, esses jovens artistas produziram pouco e tiveram uma parcela significativa de obras destruídas ou extraviadas.

Mais de 50 artistas estão representados no acervo, que começa com móveis e objetos de interior de inspiração art déco feitos nos anos 30 por mestres como John Graz, Regina Go-

meide Graz e Cássio M'Boy. E segue até o fim da década de 60, quando o projeto construtivo começa a arrefecer. Há no grupo obras históricas como *Aparelho Cinecromático*, de Abraham Palatnik, que se antecipou a op art; um dos raros óleos de Hélio Oiticica; e uma escultura da série *Concreção*, de Luís Sacilotto.

Leirner confessou ter ficado entusiasmado ao acompanhar de perto o processo de realização de *Arte Construtiva no Brasil*, patrocinado pelo Lloyd's. "Quem estiver esperando um livro decorativo ficará decepcionado", alerta. Apesar da bela aparência e da riqueza de ilustrações (cerca de 200), a obra analisa detalhadamente o abstracionismo brasileiro.

Na introdução, Leirner conta suas experiências e diz porque decidiu colecionar obras que lhe fossem contemporâneas em vez de peças históricas. Em seguida, Aracy Amaral contextualiza o construtivismo, mostrando que o movimento brasileiro em obras de mestres como Tarsila do Amaral e Vicente do Rego Monteiro.

O segundo ensaio, assinado por Maria Alice Milliet, trata do ateliê Abstração, fundado por Samson Flexor em 1951. Romeno, mas tendo a França como segunda pátria, ele trouxe para o País os princípios universalistas do concretismo e ajudou a formar toda uma geração de artistas. Mas sua obra diferia radicalmente daquela defendida por Waldemar Cordeiro e o movimento Ruptura (ao qual chamava de "concretos" na intimidade).

Radicalização — A atitude radical do grupo fundado por artistas e poetas paulistas em 1952 é analisada por Ana Maria Belluzzo. Ela compara o debate brasileiro dos anos 50 àquele travado na Europa nos anos 30. O grupo Ruptura queria eliminar qualquer caráter hedonista da arte e consideravam o termo abstrato inadequado já que ele indicava que as formas geométricas usadas nos trabalhos haviam sido de alguma forma abstraídas da natureza. Em outras palavras, seu objetivo era realizar uma arte puramente formal, criando "uma esfera própria, de relações sintáticas e construtivas, preservada da aderência de outras significações culturais".

Existem razões históricas precisas para isso. Afinal, nada melhor do que uma arte baseada nas leis objetivas da matemática para representar a euforia industrial da era JK. Além disso, o

concretismo era visto como uma forma de alcançar uma linguagem plástica universal. A arte figurativa de pintores como Portinari e Di Cavalcanti era considerada excessivamente emocional e subjetiva pela nova geração de modernistas.

Como lembra Ferreira Gullar no quarto texto do livro, no início da década de 50 "tinham todos a necessidade de acreditar que uma nova era se abria para a humanidade" e defender ideias nacionalistas era algo impensável depois do trauma da 2.ª Guerra Mundial.

Depoimento — Seu ensaio tem importância particular já que o poeta acompanhou de perto a formação do grupo Frente (liderado por Ivan Serpa), participou da histórica exposição que uniu concretistas paulistas e cariocas em 1956 e 1957 e foi o autor do bombástico manifesto neoconcreto. Publicado em 1959, o texto decretou o rompimento oficial entre o abstracionismo geométrico mais livre dos cariocas e o rigor objetivo dos paulistas.

A *Arte Construtiva no Brasil* traz também textos de Paulo Sérgio Duarte sobre os abstracionistas geométricos que não se alinharam com nenhum grupo, como Volpi. E uma análise feita por Alexandre Wollner do desenvolvimento gráfico baseado na linguagem construtiva, além de dados biográficos, uma curta biografia de todos os artistas representados na coleção Leirner.

Assim, os mais interessados terão uma ampla leitura de apoio à disposição, antes de visitarem a exposição do MAM. É bem verdade que o colecionador sempre emprestou obras para exposições temporárias, mas é a primeira vez que o conjunto será exposto de forma completa. Isso permitirá que o público tenha uma ideia melhor da vasta constelação que representou o concretismo brasileiro, mesmo que no fim se conclua que a polêmica em torno desses trabalhos esteja tão viva quanto em 1951.

Em seu texto, Maria Alice Milliet cita uma história contada por Sérgio Milliet na época da 2.ª Bienal, que ilustra perfeitamente a controvérsia gerada por esse tipo de trabalho. "Ontem um amigo dizia, na bienal, não gosto desses abstratos, é de um simplismo irritante; quatro linhas, um ponto, dois quadrados, que falta de imaginação! Ainda chegaremos à tela virgem! Ao que o outro respondia: formidáveis esses pintores! Que economia de soluções, que depuração! Quatro linhas, um ponto, dois quadrados, que síntese admirável!"

No entanto, adorando ou odiando os abstratos, o que importa é que eles protagonizaram importante capítulo da arte brasileira, que devemos estudar de perto para compreender os rumos atuais da produção nacional.



O colecionador com mobília desenhada por John Graz; ao fundo a tela 'Em Vermelho', de Milton da Costa, a primeira da coleção

Mostra resgata fase histórica que marcou nascimento do MAM

De São Paulo obras seguem para Rio, Salvador, Recife e, provavelmente, para o exterior

Não foi à toa que o MAM decidiu incluir a Coleção de Adolpho Leirner no calendário de comemorações de seu cinquentenário, programando a exposição para o período mais nobre do ano, coincidindo com a 24.ª Bienal de São Paulo. Afinal, a história desse acervo está intimamente ligada à do museu. O MAM foi fundado em 1948 e acolheu — além das seis primeiras Bienais de São Paulo — a grande maioria das exposições de arte construtiva. Sua mostra inaugural, realizada no ano seguinte em sua primeira sede da Avenida 7 de Abril (hoje mesmo prédio que abrigava o Masp) chamava-se *Do Figurativismo ao Abstracionismo*.

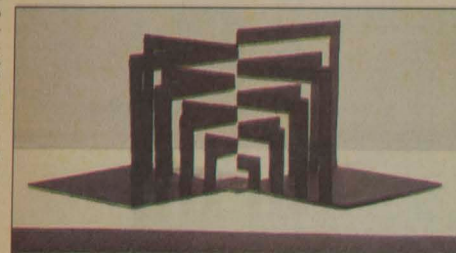
Organizada pelo crítico francês Léon Degrand, ela jogou lenhano de debate entre os dois grupos e introduziu o público brasileiro à obra de grandes artistas internacionais como Kandinsky, Gollér, Vassarely, entre outros. O Brasil foi representado apenas por Waldemar Cordeiro, Cícero Dias e Samson Flexor (este último ainda representando a França).

A partir daí, todos os grandes eventos nacionais relacionados ao abstracionismo geométrico estavam vinculados aos MAM. Lá ocorreram as exposições do Ateliê Abstração, a legendaria mostra que em 1956 reuniu — mesmo que por poucos anos — os concretistas paulistas (Ruptura) e cariocas (Frente). E também foi nesse museu, que na época ainda não ocupava seu endereço atual, que os artistas do Rio mostraram o trabalho mais livre defendido no manifesto neoconcreto.

A decisão de Leirner de expor sua coleção quase na íntegra não beneficiará apenas aos paulistas e turistas que costumam visitar São Paulo durante a bienal. A mostra seguirá depois para os Museus de Arte Moderna do Rio, de Salvador e de Recife (com quem o MAM tem acordos de intercâmbio) e é possível que ela continue viajando, pois Leirner já recebeu vários convites do exterior. (M.H.)



'Concreto', de Geraldo de Barros: aliança entre o artista e a indústria



'Concreção 5942', de Luís Sacilotto: o quadrado desenha-se no espaço



'Virtual XIV', de Flaminio: a sabedoria da construção pela cor

"Colecionar é uma procura e caça que faz parte da minha vida"

No depoimento para o livro, Adolpho Leirner conta sobre seu acervo e analisa o período artístico

L eia abaixo trechos do depoimento de Adolpho Leirner para o livro *Arte Construtiva do Brasil — Coleção Adolpho Leirner*: "Colecionar é um amor, uma paixão, um descobrimento, uma procura e caça, que faz parte da minha vida. É um prazer individual, uma relação de afetividade com as obras que fazem parte do meu espaço."

"Com grande interesse pela arquitetura e pelo 'design', dirigi minha atenção para os movimentos suprematista e construtivista russos, para o movimento holandês De Stijl, para a Bauhaus alemã e o 'art déco', que me precipitaram neste mundo de linhas, cores, planos e tensões, no domínio da ordem sobre a desordem, me fazendo sentir mais perto do pensamento racional."

"A influência desse período na nossa arte contemporânea é definitiva. A arte brasileira tem, indiscutivelmente, um fundo construtivo presente na maioria dos nossos artistas, especialmente no caso dos conceitualistas e minimalistas dos anos 70, como, por exemplo, Walmécio Caldas, Cildo Meireles, Antonio Dias e José Resende."

"Vejo com muita alegria, nos últimos anos, o desenvolvimento de nossas instituições culturais. Observo com reservas o patrocínio de exposições milionárias somente para a obra de exposições internacionais. Elas são necessárias e importantes, mas o apoio à nossa arte deveria ser privilegiado em todos os aspectos e não situar-se numa posição de inferioridade para que, a partir da nossa casa, possamos nos respeitar e receber o reconhecimento do exterior."

"Não tenho a intenção, com esta publicação, de colocar a abstração geométrica como o grande movimento da arte brasileira neste século, mas sim colocá-la como viva e atual, com influências marcantes no desenvolvimento de nosso País."